

Vestígios de uma antiga conexão

texto **LIANA JOHN** e foto **CLAUDIONOR PECORARI**



Pequenos refúgios de areia dourada, escondidos entre altas muralhas de pedra, de frente para o mar azul, emoldurados por verdes matas ou coqueirais. Muitas praias brasileiras parecem parte do projeto de algum arquiteto romântico, disposto a garantir privacidade a casais de namorados, nesses pedacinhos de paraíso tropical decorados com 'jardins' sombreados e com imensas 'janelas' abertas para o horizonte. Encantados com o ambiente cheio de sol e maresia, raros visitantes se perguntam por que costões rochosos íngremes freqüentemente se alternam com trechos de areia pouco extensos.

Para quem entende um pouquinho de Geologia parece um contra-senso, afinal, praias são depósitos de sedimentos arenosos resultantes da erosão provocada pela ação das ondas e a rocha da maioria dos costões não tem nem cara de arenito, é puro cristalino, material de alta resistência, nada propenso a se transformar em areia, mesmo sujeito às batidas insistentes do mar.

De fato, a origem dos costões é bem diversa da origem das praias, embora as duas formações sejam vizinhas íntimas. Os costões são afloramentos de rochas cristalinas

na linha do mar, cuja conformação deriva da separação dos continentes - África e América do Sul - ocorrida há 145 milhões de anos. A cisão se deu pela ação de um conduto vulcânico no manto terrestre: uma enorme coluna de rocha quente subiu de grandes profundidades, de sob o manto até a superfície, causando extenso vulcanismo. Esse material perfurou a crosta terrestre e iniciou o processo de ruptura do supercontinente - conhecido como Gondwana - e o conseqüente surgimento do Oceano Atlântico, há 130 milhões de anos.

Logicamente, tamanha movimentação geológica provocou falhas e fraturas, mesmo em rochas duras como as do escudo cristalino que constitui a maior parte do território brasileiro. As feições dos costões brasileiros e africanos são vestígios da forma como a borda de cada continente se 'quebrou': em matacões (costões fragmentado de diferentes tamanhos) ou falésias (paredões contínuos de diferentes alturas).

Após o afastamento dos continentes, outras alterações deixaram mais vestígios nas bordas separadas, relacionadas com a redução ou o aumento do nível do mar, respectivamente durante os períodos de glaciação e interglaciais. Em diversas eras, as geleiras chegaram a cobrir até 30% da superfície da Terra para depois regredir para cerca de 10% (porcentagem atual). A alternância de tais eras geladas com intervalos mais quentes marcou especialmente o Quaternário, quando então, entre outras formações, sedimentaram-se as praias. A 'vizinhança' das sólidas rochas dos costões com as areias, portanto, tem 'apenas' 1,64 milhão de anos. Ou menos.

Mas, claro, isso hoje não faz a menor diferença para quem anda descalço à beira-mar, de uma ponta a outra da praia, ou para quem escala as rochas dos costões para ver o pôr-do-sol lá de cima...